

**O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UM SISTEMA DE TREINAMENTO PARA  
ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE RÚGBI: O passo a passo da resolução  
de um problema gerencial**

**THALLES SANCHES VALLE**

UNINOVE – Universidade Nove de Julho  
thalles8@bol.com.br

**LEANDRO CARLOS MAZZEI**

UNINOVE – Universidade Nove de Julho  
leandromazzei@gmail.com

Aos Doutores: Leandro Carlos Mazzei e João Manuel Casquinha Malaia Santos

## INTRODUÇÃO

O Esporte sempre foi um importante fenômeno da humanidade, ao longo da história ele retrata diferentes aspectos de nossa sociedade, podendo ser atualmente praticado em atividades de rendimento, lazer ou entretenimento (KONING, 2009; RUBIO, 2010). Entretanto, os últimos 50 anos apresentaram um novo paradigma mundial com relação ao esporte de rendimento. Pela sua importância cultural e social, as organizações esportivas responsáveis pela formação de atletas passaram a ser mais exigidas para exercerem práticas profissionais de gestão (MORGAN, 2002; PIRES, SARMENTO, 2001). Este contexto também é observado tanto em organizações públicas como privadas, mas principalmente em Confederações, que promovem o desenvolvimento de um esporte em termos nacionais (GREEN, 2005; NEMEC, NEMEC, 2009).

O rúgbi voltará a fazer parte do programa Olímpico nos Jogos do Rio de Janeiro em 2016, nas disputas de seven para homens e mulheres (modalidade jogada com sete jogadores titulares de cada equipe, por dois tempos de sete minutos com um minuto de descanso). Para Cuniffe *et al.* (2009) e Koning (2009) a prática do rúgbi possui alta exigência física e envolve aspectos específicos como disciplina tática, desempenho coletivo, além dos seus cinco valores fundamentais, que segundo a Organização Mundial da Modalidade (World Rugby) são: Respeito; Integridade; Disciplina, Paixão e Solidariedade.

Países como Nova Zelândia, Austrália, Inglaterra, França, África do Sul, dentre outros, possuem certo tradicionalismo nas competições internacionais de rúgbi, mesmo que isso seja mais evidente no rúgbi jogado com quinze jogadores em campo. Já no Brasil, existe um problema, pois apesar de já ter as equipes classificadas para os Jogos Olímpicos de 2016, o rúgbi no país não possui o tradicionalismo existente em outros países e se comparado a outros esportes, não possui ainda um número significativo de praticantes, pois a exemplo, segundo o Cadastro Nacional de Atletas de Rugby (CNRu), o Brasil possui quase dez mil atletas inscritos na Confederação Brasileira de Rugby (CBRu). Além disso, foi identificado por meio das seletivas nacionais que o nível técnico dos jovens jogadores de Rugby no Brasil é baixo, pois segundo os treinadores ocorrem muitos erros de manuseio de bola e tomada de decisão.

Pesquisas afirmam que são necessários 10 anos de prática para que um indivíduo desenvolva elevados níveis de desempenho em determinada atividade (ERICSSON, KRAMPE, TESCH-RÖMER, 1993; VAEYENS *et al.*, 2009). Independentemente do tempo que se demanda, De Bosscher *et al.* (2006) apontam o desenvolvimento de talentos esportivos como um dos fatores críticos para o sucesso esportivo internacional.

Neste sentido e dentre outras ações, a CBRu tem buscado a formação de equipes de base, que são as equipes masculinas até 19 anos de idade (completados no ano da competição e aqui chamado de M19), visando uma qualidade da participação do Brasil nos Jogos de 2016. Em longo prazo, o objetivo da CBRu é obter um desempenho relevante no contexto internacional em 20 anos. Condizentes com a expectativa de uma gestão do esporte moderna, a CBRu realizou algumas ações para melhorar o nível técnico dos jogadores da base, não só com o objetivo de investir nas categorias de jovens, mas também com o propósito de em longo prazo, ter jogadores e equipes nacionais competitivas. Portanto, o objetivo aqui é o de apresentar um relato técnico sobre as medidas gerenciais da criação de um programa de desenvolvimento das categorias de base do rúgbi do Brasil, por meio da implementação de um sistema de academias de treinamento, baseado no sistema Argentino de academias de rendimento

esportivo para rúgbi e não o de explicar os resultados dos testes físicos e técnicos conduzidos.

## CONTEXTO INVESTIGADO

O rúgbi até meados dos anos de 1990 vivia uma fase amadora. Nesta década, os clubes de rúgbi da Inglaterra eram geridos por seus membros e com as tradições datadas da época centenária de sua fundação. O número de espectadores nos jogos era um retrato do amadorismo dos clubes ingleses. Os jogos entre os clubes, raramente ultrapassavam a casa dos 10 mil espectadores presenciais (MORGAN, 2002). Segundo Morgan (2002) e O'Brien e Slack (2004), em maio de 1996 houve um início de movimento para uma maior profissionalização do rúgbi. Assim, clubes ingleses tomaram atitudes gerenciais para atender a nova demanda do mercado e prover um espetáculo competitivo de alto (MORGAN, 2002; KONING, 2009).

Outro motivo para a busca por ações gerenciais e mais profissionais no rúgbi possui relação com a busca por bons resultados esportivos internacionais. Nações como a Austrália e a Nova Zelândia que possuem programas de identificação de talentos há mais de vinte anos para diversas modalidades esportivas (SHILBURY, SOUTRIADOU e GREEN, 2008) e no caso específico do rúgbi os Estados Unidos da América, realizaram a criação de um programa de captação e desenvolvimento de atletas específico ao rúgbi, isto segundo Carney, Smolianov e Zakus, (2012) e os resultados já começaram a surgir, com a classificação da seleção feminina para os jogos Olímpicos do Rio em 2016.

Estes programas de treinamento podem melhorar as chances de conquistas esportivas internacionais e estas podem melhorar diversos problemas de gerência como a captação de recursos para o esporte (MORGAN, 2002; DE BOSSCHER *et al.*, 2010; SZYMANSKI, 2010; SHILBURY, 2012; FEELEY *et al.*, 2015). Logo, os esforços gerenciais podem residir em possibilitar a captação e treinamento de atletas em seu período ótimo de especialização esportiva.

O período ótimo para especialização esportiva é dos 15 aos 19 anos e um grande problema é a iniciação esportiva, uma vez que nem sempre os esportes olímpicos oferecem uma oportunidade para o contato e treinamento mais cedo com a modalidade (WYLLEMAN e LAVALLE, 2003; GREEN, 2005), que no caso do Brasil tem poucos participantes.

Segundo Chadwick *et al.* (2010), países como Argentina, Sri Lanka e Japão, tem mais de 100 mil participantes no rúgbi, os Estados Unidos da América (EUA) têm mais de 80 mil (CARNEY, SMOLIANOV, ZAKUS, 2012), enquanto o Brasil, segundo dados do CNRu, possui exatamente 9.618 (nove mil seiscentos e dezoito, com acesso ao CNRu em 06/07/2015 e somente funcionários tem acesso ao sistema) atletas. Além de enfrentar problemas como a baixa quantidade de atletas, o Brasil ainda tem uma iniciação tardia na modalidade, por exemplo, os 23 atletas que viajaram ao Uruguai no ano de 2014 para competir o Campeonato Sul Americano Juvenil (CONSUR A M19), tiveram suas idades médias em 18 anos de idade e idade de iniciação no rúgbi aos 15 anos de idade. Período em que segundo os dados supracitados, deveriam se especializar no esporte.

Com a iniciação na modalidade, estando no período de especialização, uma maneira compensatória, deveria ser a de exposição a uma carga horária de treinamento que possibilite o atingimento dos dez anos de prática em uma modalidade esportiva. Este problema pode ser solucionado com o treinamento complementar em centros específicos de treinamento e a CBRu havia de propor algo para solucionar este problema.

Como a CBRu é uma organização sem fins lucrativos e orientada ao desenvolvimento do rúgbi, de maneira que suas seleções sejam competitivas em nível

de competições internacionais, alguma medida administrativa teve de ser tomada para que o país possa ser competitivo frente as nações citadas, que possuem programas especializados de treinamento para jovens atletas.

## DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO PROBLEMA

O Brasil, em 2014, competiu o CONSUR A M19, com vinte e três atletas, cuja média de idade foi de 18 anos de idade, ou seja, em média um ano abaixo da idade limite. Considerando estes 23 atletas, suas idades de iniciação no rúgbi, se deram em média aos 15 anos de idade. Segundo Wylleman e Lavalle (2003), do período dos 15 aos 19 anos de idade, um atleta deve se especializar numa modalidade esportiva. Logo, a seleção brasileira que competiu o CONSUR A M19 em 2014, teve uma iniciação tardia na modalidade e conseqüentemente, com três anos de prática esportiva, não atingiram o período de elevado nível de desempenho, que segundo os autores Ericsson e Tesch-Romer (1993) e Vayens (2009) é de 10 anos.

Ademais, o Brasil possui em torno de 10.000 atletas registrados, enquanto outras nações como a Argentina, segundo Chadwick *et al.* (2010), possuem em torno de 100.000 atletas registrados e os EUA segundo Carney, Smolianov, Zakus (2012), em torno de 80.000. Como início do desenvolvimento de um programa de treinamento para o Brasil, foi realizado um estudo de levantamento de dados para entender o que estas nações faziam para desenvolver o esporte. A pesquisa considerou quais nações tinham programa de treinamento esportivo, específico ao rúgbi e em segundo momento, para as nações mais próximas como a Argentina, o contato com profissionais destas nações foi realizado. Foi constatado, que o sistema usado pela Argentina para treinamento específico de rúgbi é o Plano de Alto Desenvolvimento de Rugby Argentino (PLADAR). Neste levantamento, também foi visto, que outros países da América do sul, como o Paraguai, Uruguai e Chile, também possuem sistema de treinamento de rúgbi em academias específicas.

O PLADAR funciona em seis localidades, onde ocorrem concentrações de jogadores e clubes de rúgbi. Cada localidade possui seus treinadores, preparadores físicos e demais profissionais de rendimento esportivo. Este sistema, possui um alinhamento de trabalho, de maneira que todas as localidades, transmitem o mesmo tipo de conhecimento e terminologia aos atletas. Os pladares, possuem basicamente, estruturas de campo e de treinamento com pesos.

Como não há nada semelhante funcionando no Brasil para rúgbi e considerando a falta de especialização da seleção brasileira juvenil de rúgbi, um programa de treinamento deverá ser criado para que as seleções possam melhorar sua competitividade. Oferecer uma carga horária complementar de treinamento pode auxiliar no treinamento em período ótimo de especialização a que esta categoria está. Isto fará com que o período vivido pelos atletas seja mais bem aproveitado e a perda de tempo tida na iniciação esportiva seja minimizada.

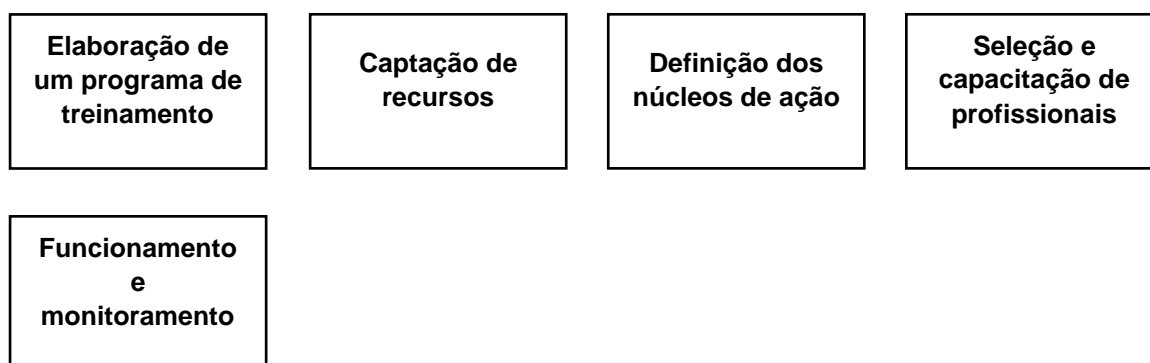
Com base nestes modelos ou propostas de treinamento existentes, a CBRu por meio de seus gerentes, iniciou em fevereiro de 2014 o esboço de um programa semelhante, cujo intuito era o de fornecer uma capacitação continuada aos atletas que ingressam no treinamento a fim de que melhores atletas sejam apresentados em seletivas nacionais e a capacidade competitiva do rúgbi brasileiro aumente, isto faz parte de um programa de longo prazo, proposto pela CBRu de investimento nas categorias de base.

## ANÁLISE DA SITUAÇÃO PROBLEMA

### Intervenção Realizada

Neste trabalho, não se objetiva expor os resultados dos testes físicos ou técnicos realizados com os jogadores da seleção juvenil, mas sim objetiva-se descrever as medidas de gestão empregadas para a solução do problema de falta de atletas capacitados na seleção.

As ações realizadas para o processo de criação do sistema de treinamento são exemplificadas pelo esquema abaixo e cada item será explicado pontualmente após o esquema.



### Elaboração de um programa de Treinamento

A etapa chamada de elaboração de um problema de treinamento teve como objetivo, estabelecer um programa para desenvolvimento de jogadores. Para conseguir elaborar algo deste tipo, foi realizada uma pesquisa com o propósito de descobrir programas semelhantes, mas realizados por outros países que possuem tradição no rúgbi. Para um *benchmarking* coerente, pois diminuiria problemas com diferenças culturais, o modelo PLADAR da Argentina (descrito anteriormente), foi o selecionado.

Após entendimento do modelo Argentino, foram levantadas as necessidades financeiras para se estruturar o programa, uma vez que havia a necessidade de existência de centro de treinamento com campos de jogo e outras instalações para preparação física dos atletas.

Como a CBRu não possui uma sede própria ou centro de treinamento, o problema levando inicialmente, foi o do gasto para se equipar uma estrutura alugada, comprar um local pronto ou começar do zero. Como a necessidade faz-se imediata, para esta situação, foi entendido que poderiam ser usadas estruturas alugadas, desde que equipadas com o necessário. Para definir o que era necessário, o coordenador de preparação física da CBRu foi consultado e uma lista de materiais foi elaborada. Esta lista contemplava desde equipamentos para treinamento com peso, até necessidades de equipamentos para uso no campo. Desta lista de materiais necessários, foi realizada uma tomada de preços preliminar junto há diversos fornecedores, em que a qualidade e o preço foram levados em consideração.

Junto a um dos responsáveis pela área de desenvolvimento da CBRu e do coordenador técnico das seleções, foram levantadas questões relacionadas a quantidade de profissionais por área para funcionamento de um programa como este, bem como, a qualificação esperada de cada profissional. Foi definido que cada núcleo de trabalho teria a seguinte equipe: 2 Treinadores; 1 Preparador Físico; 1 Nutricionista; 1 Psicólogo;

1 Fisioterapeuta, em um total de 6 profissionais (o modelo argentino propõe apenas 1 treinador, porém considerando a idade tardia de início na modalidade aqui no Brasil, isto teve de ser adaptado, numa tentativa de minimizar erros de correção nos jogadores).

Após estes levantamentos prévios, os custos de materiais e profissionais foram obtidos e um orçamento anual para o programa foi estipulado.

### Captação de Recursos

Esta etapa teve como objetivo a captação de recursos para a criação do programa. A ideia e os custos foram então apresentados a área de marketing da CBRu. As soluções possíveis eram: 1 – A própria Confederação arcar com os custos, direcionando recursos já existentes; 2 – Elaborar um projeto para ser enquadrado na Lei de Incentivo ao Esporte e após ser aprovado, iniciar a captação de recursos e 3 – Buscar um patrocinador particular, específico a este programa. Como opção mais viável, foi escolhida a solução de número 3: “Buscar um patrocinador particular, específico a este programa”.

Após alguns contatos, duas empresas decidiram vincular suas marcas ao projeto. Ambas as empresas já incentivam diversas Federações Nacionais de Rugby em outros países, como Uruguai e Inglaterra. Para exposição das marcas dessas empresas no programa, diversas contrapartidas foram acertadas. Uma delas foi o direito de *namings rights* no centro de alto rendimento. Além de exposição de marca nos uniformes de jogo e camisetas de treino.

### Definição de Núcleos de Ação

A etapa chamada de definição de núcleos de ação teve como objetivo a definição dos locais dos centros de treinamento e horários dos treinamentos. Como as seleções nacionais treinam em São Paulo e em São José dos Campos, ficou definido que estas cidades também seriam as escolhidas para o programa. Para São José dos Campos, foram definidos as segundas, quartas e sextas-feiras da 14h30 as 16h30, dias e horários definidos a partir do cotidiano dos atletas e com os clubes da cidade. Em São Paulo, atendendo as mesmas necessidades, foi estabelecido que os treinamentos fossem as terças e quintas-feiras das 15h00 às 17h00.

Os locais foram definidos como os mesmos lugares que as seleções nacionais já usavam, primeiro em função da disponibilidade estrutural destes locais e segundo pela possibilidade de exposição das marcas. Como se tratam de lugares particulares, em São Paulo um Clube Esportivo e em São José dos Campos a antiga sede de uma Associação Desportiva Classista (ADC), não houve problemas em alugar os campos para maiores períodos de uso.

### Seleção e Capacitação de Profissionais

A etapa chama de seleção e capacitação de profissionais, teve como objetivo a contratação de 12 profissionais para atuar nos dois núcleos estabelecidos (6 profissionais em cada), seguindo as exigências pré-estabelecidas: profissionais com formação superior ou estarem no último ano de graduação, apresentarem experiência prévia ou conhecimento da modalidade.

Foram recebidos por volta de 600 e-mails e 300 currículos sobre as vagas. Destes, 36 profissionais foram convidados para entrevistas e 10 profissionais foram contratados. Ao longo do processo, notou-se que os profissionais de Nutrição e



Psicologia, poderiam atuar pontualmente em ambos os núcleos, sendo por isto, reduzido o número de 12 para 10 profissionais, em reuniões com os coordenadores da CBRu para cada área contratada, os profissionais definiram que o programa deveria custear alimentação e transporte. Ocorreram ao longo de 2014, 3 capacitações para cada área citada, estas capacitações foram realizadas pelos profissionais das seleções nacionais para os profissionais contratados, cujo intuito era o de estabelecer o alinhamento do trabalho.

#### Funcionamento e monitoramento

Na etapa chama de funcionamento e monitoramento, o objetivo foi o de colocar o programa em funcionamento, monitorar e divulgar para a mídia a iniciativa. O centro de treinamento de São José dos Campos iniciou suas atividades em 18 de julho de 2014 e o centro de São Paulo apenas no dia 09 de setembro do mesmo ano. No dia 12 de agosto de 2014, em São José dos Campos, por meio de evento oficial da CBRu, com toda a mídia tendo sido convidada, tanto pelas marcas patrocinadoras, como pela CBRu.

Para melhor atender os atletas, lanches foram adquiridos nas próprias estruturas onde se realizam o treinamento. O transporte em São Paulo foi realizado como reembolso de despesas de ônibus considerando a presença do atleta e em São José dos Campos, duas Vans foram contratadas para buscar e retornar os atletas as suas casas. Somente atletas convidados pelos treinadores do programa ou indicados pelos clubes integram o programa.

Durante o primeiro mês de funcionamento de cada centro, os coordenadores visitaram os núcleos semanalmente com intuito de monitorar presencialmente as atividades, o que e como estavam sendo trabalhados os aspectos físicos e técnicos dos jogadores.

Após este contato semanal durante o primeiro mês, suporte presencial foi prestado a cada duas semanas até se tornar apenas pontual sob demanda. Todos os profissionais foram instruídos a usar a plataforma de compartilhamento digital de arquivos para apresentar seus relatórios mensais de atividades.

Dos primeiros testes físicos realizados, aos atuais, a melhora foi evidenciada em todos os atletas e mais de 20 atletas que estão treinando nos centros, foram convocados a participar da seleção brasileira que jogará o CONSUR A M19 2015. Toda a seleção juvenil deste ano foi selecionada a partir das academias.

## CONTRIBUIÇÃO TECNOLÓGICO SOCIAL

Ao apresentar a fase de elaboração de um programa de treinamento, visa-se, que os gerentes de outras modalidades esportivas, com problemas semelhantes aos do rúgbi brasileiro, possam adaptar a sua realidade, fazendo levantamentos de dados semelhantes com países próximos ao Brasil para ter uma base de informação que possibilite o início de seu trabalho.

Com a descrição da fase de captação de recursos, o relato espera poder contribuir, exemplificando as diversas possibilidades existentes hoje em se obter recursos e mais, mostrar que existem soluções mais oportunas para casos específicos, embora fique a critério do gestor a escolha mais apropriada, após considerar sua realidade específica.

Da fase de definição dos núcleos de ação a contribuição esperada é a evidenciar, as maneiras cabíveis para solucionar o problema de não se ter uma estrutura física própria que comporte o treinamento. Assim sendo, o gestor que gere uma modalidade que não possui uma sede própria de treinamento, pode entender como os meios que já estão disponíveis, podem auxiliá-lo.

Exemplificando como foi adaptada a seleção dos profissionais (adição de 1 treinador), espera-se contribuir com os gerentes de modalidades que passam pelo mesmo problema de iniciação tardia e que precisam contornar o fato dos atletas estarem em outro período de desenvolvimento esportivo, que não o da iniciação esportiva. Ou seja, tendo atenção a correção das ações realizadas pelo atleta e primando pelo trabalho de longo prazo.

Na função de monitoramento, a contribuição, fica como a sugestão da maneira pela qual, os gestores podem mesmo remotamente, observar o desenvolvimento do programa, por meio dos relatórios disponibilizados pelos profissionais em plataforma online de compartilhamento de informações.

Portanto, de maneira generalista, as contribuições, podem vir a servir de suporte para a tomada de decisão dos gestores de modalidades esportivas com realidades semelhantes à do rúgbi.

## REFERÊNCIAS

CARNEY, Mark; SMOLIANOV, Peter; ZAKUS, Dwight. Comparing the practices of USA Rugby against a global model for integrated development of mass and high performance sport. **Managing Leisure**, 17, ?, 182-206, 2012;

CUNIFFE, Brian; PROCTOR, Wayne; BAKER, Julien; DAVIES, Bruce, An evaluation of the physiological demands of elite rugby union using Global Position System tracking software. **Strenght Conditional Research**, 23, 4, 1195-203, 2009;

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S. A Conceptual Framework for Analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. **European Sport Management Quarterly**, 6, 2, 185–215, jun. 2006;

DE BOSSCHER, Veerle; SHIBLI, Simon; VAN BOTEENBURG, Maarten; DE KNOP, Paul; TRUYENS, Jasper. Developing a Method for Comparing the Elite Sport Systems and Policies of Nations: A Mixed Research Methods Approach. **Journal of Sports Management**, 24, ?, 567-600, 2010;

ERICSSON, K. Anders; KRAMPE, Ralf T.; TESCH-RÖMER, Clemens. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, 100, 3, 363–406, 1993;

FRANCHINI, Emerson; STERKOWICZ, Stanislaw; MIARKA, Bianca; MAZZEI, Leandro; TAKITO, Monica; JULIO, Ursula. Tracking 10-year competitive winning performance of Judo athletes across age groups. **Perceptual and Motor Skills**, 113, 1, 139-149, 2011;

GREEN, Christine B. Building Sport Programs to Optimize Athlete Recruitment, Retention, and Transition: Toward a Normative Theory of Sport Development. **Journal of Sports Management**, 19, ?, 233-253, 2005;

KONING, Ruud. Sport And Measure of Competition. **De Economist**, ?,?, 157, 229-249, 2009;

MAZZEI, L. C., BASTOS, F. da C., BOHME, M. T. S., DE BOSSCHER, V.. Política do esporte de alto rendimento no Brasil: Análise da estratégia de investimentos nas Confederações Olímpicas. **Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto**, 14,2, 58–73, 2014;

MORGAN, Michael. Optimizing the structure of the elite competitions in professional sport – lessons from Rugby Union. **Managing Leisure**, 7,?, 41-60, 2002;

NEMEC, Juraj; NEMEC, Miroslav. Public Challenges for Sports Management in Slovakia: How to Select the Optimum Legal Form of a Sport Club?. **Acta všfs**, 3, 116-123, 2009;

O'BRIEN, Danny; SLACK, Trevor. The emergence of a professional logic in English Rugby Union: The role of isomorphic and diffusion processes. **Journal of Sports Management**, 18, ?, 13-39, 2004;

PIRES, G. M. V. DA S.; SARMENTO, J. P. Conceito de Gestão do Desporto. Novos desafios, diferentes soluções. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 1, 1, 88–103, 2001;

PITTS, Brenda; FIELDING, Lawrence; MILLER, Lori. Industry Segmentation theory and the sport industry: developing a sport industry segment model. **Sport Marketing Quarterly**, 3, 1, 173-182, 1994;

RATTEN, Vanessa. Practical Implications and Future Research Directions for International Sports Management. **Thunderbird International Business Review**, 53, 6, 763-770, 2011;

ROTTENBERG, Simon. The labour market for baseball players. **Journal of Political Economy**, 64, 3, 242-258, 1956;

RUBIO, Katia. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 24, ?, 55–68, 2010;

SHILBURY, David. Competition: The Heart and Soul of Sport Management. **Journal of sports management**, 26, ?, 1-10, 2012;

SZYMANSKI, Stefan. Teaching Competition in Professional Sports Leagues. **The journal of economic education**, 41, 2, 150-168, 2010;

VAEYENS, Roel. et al. Talent identification and promotion programmes of Olympic athletes. **Journal of Sports Sciences**, 27, 13, 1367–1380, 2009;

WYLLEMAN, Paul, LAVALLEE, David. A developmental perspective on transitions faced by athletes. **M. Weiss (Ed.), Developmental sport psychology**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2003.